

# PANDEMIA E FEIRA LIVRE: uma análise do percurso gerativo de sentido na reportagem jornalística

Elaine Cristina de Queiroz Silva\*  
Sueli Maria Ramos da Silva\*\*

**Resumo:** A pandemia de COVID-19 trouxe mudanças para a cotidianidade da feira livre. Os estudos acerca da temática da pandemia de Coronavírus são objetos de uma gama considerável de pesquisadores que tratam da sua presença nas mais diversas práticas sociais. Este artigo se detém em uma reportagem jornalística e busca demonstrar como a semiótica pode auxiliar a compreender os impactos gerados pela pandemia no universo da feira livre. Como objeto de análise desta pesquisa, utilizaremos a matéria da reportagem intitulada *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*, publicada na plataforma do YouTube no canal SBTMS na data de 25 de maio de 2020. A matéria reporta sobre o ambiente de uma feira livre oportunizando uma conscientização em prol da saúde, desenvolvendo um questionamento sobre a postura da população em relação às medidas sanitárias impostas para prevenção da doença de alta transmissibilidade. A análise desta pesquisa se fundamenta no ferramental teórico da semiótica discursiva de A. J. Greimas (1973) e nas abordagens de D. Bertrand (2003), D. L. Barros (2005) e J. L. Fiorin (2018), objetivando analisar os níveis do percurso gerativo de sentido no texto jornalístico e os efeitos de verdade construídos na narrativa.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEL-FAALC/UFMS). E-mail: elainequeirozecs@gmail.com.

\*\* Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEL-FAALC/UFMS). E-mail: sueli.silva@ufms.br.

**Palavras-chave:** Semiótica discursiva; Percurso gerativo de sentido; Feira livre; Pandemia; Reportagem jornalística.

## **Pandemic and Free Fair: an analysis of the generative path of meaning in journalistic report**

**Abstract:** The COVID-19 pandemic brought changes to the daily life of the open market. Studies on the topic of the Coronavirus pandemic are objects of a considerable range of researchers who deal with its presence in the most diverse social practices. This article focuses on a journalistic report and seeks to demonstrate how semiotics can help to understand the impacts generated by the pandemic in the free fair universe. As the object of analysis of this research, we will use the story of the report entitled *Dozens of people are caught without a mask in a free fair in Guanandi*, published on the YouTube platform on the SBTMS channel on May 25, 2020. The article reports on the environment of an open fair providing an opportunity to raise awareness in favor of health, developing a questioning about the attitude of the population in relation to the sanitary measures imposed for the prevention of highly transmissible disease. The analysis of this research is based on the theoretical tools of discursive semiotics by AJ Greimas (1973) and on the approaches of D. Bertrand (2003), DL Barros (2005) and JL Fiorin (2018), aiming to analyze the levels of the generative path of meaning in the journalistic text and the effects of truth constructed in the narrative.

**Keywords:** Discursive semiotics; Generative path of meaning; Free fair; Pandemic; Journalistic report.

### **Introdução**

Os efeitos da pandemia de COVID-19<sup>1</sup> trouxeram profundas alterações no que diz respeito à percepção de sentidos e as práticas sociais, tanto que estudos acerca dessa temática são objetos de uma

---

<sup>1</sup> *Folha informativa sobre COVID-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 22 abr. 2021.

gama considerável de pesquisadores que buscam conhecer as consequências e os impactos gerados pela pandemia, sem precedentes, do novo coronavírus ou SARS-CoV-2, termo científico do vírus que surgiu na China em dezembro de 2019 e que rapidamente se disseminou em todo o globo transformando o cotidiano da sociedade em todos os sentidos.

A pandemia de COVID-19 ficará nos anais da história do século XXI como sendo um dos maiores desafios para os cientistas em todos os campos do conhecimento. Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos tornaram-se expressivos, tendo em vista as situações de enfrentamento contra uma doença desprovida de dados técnicos capazes de evitar sua velocidade de transmissão, reduzir a letalidade e garantir a minimização dos riscos em locais em situação de vulnerabilidade social.

De um dia para o outro, os hábitos da sociedade foram severamente modificados por recomendações advindas de autoridades e órgãos de excelência em saúde, que atestaram a problemática como “Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional”<sup>2</sup> contra a doença com alta transmissibilidade e sem tratamento cientificamente comprovado.

Conforme os índices de contaminação foram avançando, estratégias baseadas em evidências científicas<sup>3</sup> foram suplementadas visando convocar todos os setores governamentais e sociedade em geral para uma mobilização de contenção ao vírus, conforme sistemática de informações para controle, rastreamento dos casos testados posi-

---

<sup>2</sup> OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>. Acesso em: 22 abr. 2021.

<sup>3</sup> Resposta à transmissão comunitária de COVID - Orientação provisória 7 de março de 2020. Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/51983/OPASBRACOV1920038\\_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/51983/OPASBRACOV1920038_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 22 abr. 2021.

tivos e impedimento da transmissão comunitária, medidas essas que possibilitariam uma estabilização ou diminuição da onda pandêmica e que dariam suporte para a corrida contra o tempo na criação de um tratamento medicamentoso ou de um imunizante eficaz.

Com a situação se agravando com a perda de centenas de vidas, o uso de equipamentos de proteção individual, como a máscara, tornou-se obrigatório em locais públicos e diretrizes de isolamento social, ou a chamada “quarentena”, desencadearam o fechamento do comércio em geral, aeroportos, escolas, cancelamento de eventos nos mais diversos setores e adaptação ao trabalho remoto, visando evitar aglomerações para restringir o avanço da COVID-19. Com a imposição desse novo fato social, foi facultada à população a responsabilidade por colaborar com a inserção urgente dessas medidas no contexto diário, visando diminuir o contágio àqueles com mais risco de agravamento e mortalidade, os quais, de acordo com os dados iniciais da época, apresentavam-se na faixa etária acima dos 59 anos<sup>4</sup>.

No contexto da pandemia no Brasil, os discursos nas redes sociais inflamavam uma polarização de informações que criavam uma falsa desmistificação do vírus, disseminando o chamado discurso do *negacionismo científico*. Anunciando risco mínimo ou a concordância com a flexibilização das medidas, era perceptível que não havia uma concordância narrativa entre os dados técnicos repassados pelos pesquisadores em saúde no mundo e as informações advindas de políticas públicas em saúde no país, comprometendo a eficácia no combate à doença e favorecendo um processo de disjunção com a informação de responsabilidade.

Em tempos de pandemia, pesquisadores de todas as ciências se debruçaram na busca por acertar suas proposições em prol da cons-

---

<sup>4</sup> *Estimando a gravidade clínica de COVID-19 a partir da dinâmica de transmissão em Wuhan, China*. Nature Medicine. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41591-020-0822-7>. Acesso em: 22 abr. 2021.

trução de uma verdade acerca das implicações do vírus no cotidiano da população mundial. A semiótica é uma ciência que, segundo Greimas e Courtés (2020, p. 455), se dedica ao estudo da significação, que se propõe em explicar as condições da apreensão e da produção do sentido, considerando todos os axiomas que tornaram o objeto uma estrutura elementar de significação. E os estudos semióticos possibilitam o reconhecimento dos regimes de sentido e as alterações nas práticas sociais, contribuindo para a análise da construção dos estatutos veridictórios nas narrativas de todo gênero.

Por meio da iniciativa de Algirdas J. Greimas (1917 – 1992), na Escola de Paris, a semiótica, influenciada pela linguística, antropologia e filosofia, desenvolve-se ao estabelecer suas relações sob um tríptico enfoque (LANDOWSKI, 2017, p. 24-25): fenomenológico, metalinguístico e antropológico.

Destacamos, a seguir, cada um dos enfoques correlacionando-os aos teóricos centrais: a) o aspecto fenomenológico do homem com o mundo, segundo M. Merleau-Ponty (1908 – 1961); b) a metalinguística de L. Hjelmslev (1899 – 1965) e; c) os saberes antropológicos de dois teóricos, sendo estes, G. Dumézil (1898 – 1986) com a visão sobre a ordem social e C. Lévi-Strauss (1908 – 2009), referindo-se ao pensamento mítico. Na concepção de C. Lévi-Strauss, o pensamento mítico pode se comparar ao pensamento científico, tornando-se a base da doutrina da significação (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 36). Para o autor, assim como as estruturas sociais correspondem às estruturas que organizam os fatos, a ciência instaura suas hipóteses para o estudo científico sobre as questões da significação.

Conforme pontua Floch (2001, p. 10), a semiótica estuda os fatos da linguagem e se detém em analisar as crenças, as atitudes e os sentimentos de cada sociedade em suas ações languageiras. Sendo assim, a semiótica torna-se a teoria da significação que propõe explicar como se operam os sentidos advindos dos processos verbais

ou não verbais, constituídos pelos grupos sociais anelados aos seus valores axiológicos, formulam ou ressignificam os signos conforme a necessidade linguageira da coletividade.

### **Pandemia, feira livre e o estatuto veridictório**

As narrativas das grandes mídias têm por objetivo atingir o senso comum através de versões da realidade a partir de sistemas semióticos euforizantes, coexistindo nesse processo estratégias motivadas por questões sociais ou de cunho ideológico. Dentro de um cenário de medo e incertezas relacionadas à doença sem precedentes, constituiu-se, além de uma grave crise sanitária, um intenso combate à produção de narrativas com falsas informações, as *fake news*, colocando a população em regime de insegurança e risco. Barros (2020, p. 28) elucida que a semiótica discursiva pode tratar dessa questão trazendo a lume às estratégias discursivas presentes nessas falsas narrativas que se pautam nas relações modais entre o ser e o parecer, e no crer e no sentir, com base nas emoções e crenças do destinatário.

As modalidades veridictórias permitem estabelecer o estatuto veridictório dos estados: verdade, falsidade, mentira, segredo. Os enunciados modalizados veridictoriamente podem ser sobredeterminados pelas modalidades epistêmicas do *crer*: um sujeito crê que um estado parece verdadeiro ou é verdadeiro etc. A modalização epistêmica resulta de uma interpretação, em que um sujeito atribui um estatuto veridictório a um dado enunciado. Nela, o sujeito compara o que lhe foi apresentado pelo manipulador com aquilo que sabe ou aquilo em que crê. O estatuto veridictório de um enunciado é dado por um julgamento epistêmico, em que o crer precede o saber, o que implica reconhecer o caráter ideológico da operação de interpretação (FIORIN, 1999, *on-line*).

Tendo em vista as questões supracitadas que efetivaram mudanças substanciais em todos os setores de atividades socioeconômicas e culturais, o universo da feira livre é uma dessas práticas essencialmente urbanas e populares conhecida por ser um evento de grande expressão para os brasileiros. É uma atividade que sofreu importantes modificações em sua estrutura com o impacto da pandemia da COVID-19 e que pode ser, através dos fatos linguísticos, objeto de estudo visando compreender as transformações nesse setor. Necessitando seguir as orientações estabelecidas pelas excelências em saúde e órgãos governamentais, o seu funcionamento requereu uma readaptação devido ao envolvimento de grande número de pessoas e ao alto índice transmissivo do novo coronavírus, mesmo sendo uma atividade promovida em ambientes abertos.

Nesse sentido, o *corpus* estudado neste artigo se detém no plano de conteúdo da matéria do texto audiovisual de cunho jornalístico produzido na espacialidade de uma feira livre, a Feira Livre do Bairro Guanandi, um evento socioeconômico e cultural que resiste há mais de trinta anos na capital sul-mato-grossense em sua forma original. Uma das feiras mais tradicionais de Campo Grande que recebia, antes da pandemia do novo coronavírus, milhares de pessoas aos domingos.

A reportagem exibida pela rede de televisão afiliada SBT-MS foi publicada na plataforma do YouTube, no canal da emissora na data de 25 de maio de 2020, com o título *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*, sendo pauta do programa regional *O Povo na TV*. O conteúdo da reportagem repercute acerca do problema global de pandemia da COVID-19 colocando em questão a postura da população em relação às medidas sanitárias impostas para prevenção da doença.

*O Povo na TV* é um dos mais tradicionais programas televisivos da emissora SBT-MS, possuindo em seu roteiro conteúdos

variados envolvendo informação e entretenimento. Através de sua proximidade com a população, atinge todas as classes sociais, mas principalmente a Classe C, conforme dados do site da programação da afiliada SBT<sup>5</sup> em Mato Grosso do Sul.

As matérias produzidas pelo programa fazem parte da estratégia para captar a audiência dos enunciatórios, um programa com visada popular e conteúdo de narrativa eufórica em conjugação com a realidade das comunidades em um estilo peculiar, conforme os conceitos de Discini (2004, p. 337):

[...] como alternativa para ler estilos a possibilidade de, a partir da identificação do *ethos* de uma totalidade, reconstruir o diálogo de vozes mostrado intertextualmente, o qual, avançando para além do diálogo constitutivo, pode ora reproduzir a polêmica, ora brincar com ela, ora abafá-la, ora silenciá-la, na contínua ilusão de, pela palavra, sentir-se o sujeito como sujeito.

Um bom programa deve ser bem planejado remetendo a ideia de ter sido produzido sem esforço. É necessário ter um ponto de vista a partir do qual se contará a história para que o roteiro tenha algum significado para atrair o espectador, um ângulo perfeito onde tudo flutua naturalmente, levando ao enunciatório algum tipo de “experiência” como entretenimento, informação ou distração, conforme propõe H. Watts (1999, p. 14-15), renomado produtor e diretor de cinema e de programas jornalísticos e científicos do Reino Unido.

Conforme diz Greimas e Courtés (2020, p. 531) “desse ponto de vista, a produção da verdade corresponde ao exercício de um fazer cognitivo particular, de um *fazer parecer verdadeiro* que se pode chamar, sem nenhuma nuance pejorativa, de fazer persuasivo”, o que cabe perfeitamente no discurso midiático com relação aos termos do

---

<sup>5</sup> *O Povo na TV*. Disponível em: <https://sbtms.com.br/opovonatv/>. Acesso em: 22 abr. 2021.



contrato de veridicção entre enunciador e enunciatário. No mundo televisivo, ao se criar um ponto de vista, tende-se a manifestar efeitos de verdade na busca de atrair a atenção dos espectadores conforme seus contextos sociais, valores e ideologias. E a respeito do contrato de veridicção, que baliza como o enunciatário deve interpretar o enunciado, Greimas (2014, p. 117) pontua:

[...] o discurso é esse lugar frágil em que se inscrevem e se leem a verdade e a falsidade, a mentira e o segredo; modos de veridicção resultantes da dupla contribuição do enunciador e do enunciatário; suas diferentes posições não se estabelecem senão na forma de um equilíbrio mais ou menos estável que provêm de um acordo implícito entre os dois actantes da estrutura da comunicação. É esse acordo tácito que é designado pelo nome de contrato de veridicção.

Nesse contexto, Fiorin (2018, p. 75) diz que todo ato de comunicação não se detém somente em informar, mas persuadir, finalidade última que visa fazer o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Bertrand (2003, p. 112) elucida que as questões de organização e disposição do espaço enunciativo controlam e orientam os elementos discursivos para apreensão dos sentidos.

Sendo a linguagem do conteúdo audiovisual predominantemente figurativa, produz efeitos de realidade para o *fazer-crer*, construindo simulacros necessários ao convencimento do público-alvo através de referências e representações de conceitos do mundo natural nas narrativas. Conforme pontua Greimas (1973, p. 11) “o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado ‘humano’ na medida em que significa alguma coisa”, o que justifica no discurso jornalístico a necessidade da concretude para dar sentido e credibilidade às informações.

Bertrand (2003, p. 269-273), elucida como essencial o estudo da obra *Morfologia do Conto Maravilhoso* de V. PROPP (1928). A obra

depreende quatro teses para desenvolver as reflexões e análises sobre a narratividade: 1.) as funções são as unidades constitutivas dos contos, podendo ser de afastamento, fuga, informação, interdição, engano, transgressão, etc; 2.) as funções são limitadas, a carência ou o dano são funções preparatórias que dão movimento ao conto; 3.) a ordem de sucessão das funções é constante, implicando umas às outras em pares, como por exemplo - proibição/violação; 4.) todas as funções do conto se organizam do ponto de vista da narrativa, em uma combinatória particular entre personagens, função e esfera de ação.

[...] trata-se de estabelecer a constância dos elementos (personagens e ações) e das relações (encadeamento das ações) que constitui a forma do conto popular, ou segundo seus próprios termos, de fazer a “descrição dos contos segundo suas partes constitutivas e as relações dessas partes entre si e com o conjunto” (BERTRAND, 2003, p. 270).

Utilizando o método do percurso gerativo de sentido da semiótica discursiva ou greimasiana, esta que trata do processo de produção do texto no intuito de apreender os sentidos manifestados desde o mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto (FIORIN, 1995, p. 167) e onde pode-se depreender “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2005, p. 11), este trabalho visa analisar os sentidos construídos na matéria jornalística acerca do plano de conteúdo.

A narrativa da reportagem jornalística, já em seu título *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*, traz um referencial temático e figurativo. Os textos temáticos explicam o mundo e os figurativos criam simulacros do mundo como elucidada Fiorin (1995, p. 171); nesse sentido, o título da reportagem manifesta os efeitos de realidade criados pelo sujeito da enunciação, caracterizando uma relação entre um mundo em tempos de pandemia e o

discurso da cotidianidade da feira livre, uma atividade comercial e cultural de uma cidade.

Por exemplo, uma tese que discutisse a situação de penúria e as péssimas condições de trabalho dos operários franceses nas minas de carvão no século XIX, a questão da produção da mais valia e as lutas para melhorar essas condições de vida seria um texto temático; já o *Germinal*, de Zola, que trata desses mesmos assuntos, é um texto figurativo, pois faz uma representação de tudo isso. A dissertação é temática, enquanto a descrição e a narração são figurativas. (FIORIN, 1995, p. 171)

### **A análise do plano de conteúdo**

O conteúdo da reportagem *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi* insere, em sua narrativa, o problema global da pandemia de COVID-19 relatando aspectos sobre a postura da população em relação às medidas sanitárias impostas para prevenção da doença de alta transmissibilidade e sem tratamento cientificamente comprovado.

A análise semiótica do plano de conteúdo do texto supracitado pretende demonstrar os efeitos de sentido construídos na matéria de cunho jornalístico, tendo como base os três níveis do percurso gerativo de sentido, sendo estes, fundamental, narrativo e discursivo. A análise perpassará por alguns fragmentos da matéria jornalística.

O percurso gerativo da significação não se propõe a ser um método engessado para análise de textos, mas é considerado efetivo por reconhecer no modelo analógico de Propp (1984, p. 17), o ponto de partida de uma *sucessão canônica de acontecimentos* que perpassam por uma formulação rigorosa que ganha *status* de *esquema narrativo*. O percurso gerativo de sentido “é uma sucessão de patamares,

cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo” (FIORIN, 2018, p. 20), ou seja, torna explícito o que está implícito no texto. Posto isso, se faz necessária uma conceituação prévia dos três níveis estruturais dessa metodologia para compreender seu mecanismo de produção de sentido.

Este artigo se propõe a analisar o percurso gerativo de sentido através do olhar do semioticista. Para isso, a análise pontua os elementos do nível discursivo buscando fundamentar a tematização, a figurativização e as isotopias presentes no texto supracitado, elencando os elementos do nível narrativo que possibilitam depreender os sentidos construídos nas estratégias de manipulação do destinatador.

Seguindo, a análise demonstra a competência do destinador-manipulador em sua performance por saber fazer e dever fazer na narrativa de teor jornalístico, e finaliza no nível fundamental apresentando as categorias semânticas que estão presentes na base de construção do texto, fundamentada em uma diferença, uma oposição.

Servindo de apoio, alguns acontecimentos dentro da linha do tempo do Coronavírus no Brasil devem situar a presente análise. Na data de 26 de fevereiro de 2020 surge o primeiro caso confirmado de COVID-19 no país<sup>6</sup>, e, em 18 de junho de 2020 é publicado Decreto (n.º 14.354)<sup>7</sup> pela Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Muni-

---

<sup>6</sup> *Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus, porém não há motivo para pânico.* Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1042-brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus-porem-nao-ha-motivo-para-panico>. Acesso em: 07 jun. 2021.

<sup>7</sup> *Decreto N. 14.354, de 18 de junho de 2020.* Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/sesau/downloads/decreto-n-14-354-de-18-de-junho-de-2020-dispoe-sobre-a-obrigatoriedade-do-uso-de-mascaras-de-protecao-facial-em-espacos-fechados-publicos-ou-privados-de-acesso-ao-publico-em-geral-no-ambito-domu/>. Acesso em: 07 jun. 2021.

principal de Campo Grande/MS que determina sobre a obrigatoriedade do uso de máscaras de proteção facial em espaços fechados públicos ou privados no âmbito do município de Campo Grande, em razão da pandemia da COVID-19.

Abaixo, segue o texto na íntegra da matéria intitulada *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*, publicada em 25 de maio de 2020 na plataforma Youtube no Canal da afiliada SBTMS, que possui como descrição do vídeo a seguinte informação: “Uma das maiores feiras livres do Estado, no bairro Guanandi em Campo Grande tomou todas as medidas de segurança para evitar o contágio do coronavírus. Mas será que os frequentadores estão se protegendo?”<sup>8</sup>

**Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi**

Nós estamos na feira do Guanandi que começa às seis da manhã e vai até meio-dia. Durante seis horas, milhares de pessoas passam por aqui. A gente sabe, que se as pessoas não se prevenirem, o vírus da COVID-19, se espalha de baciada.

Muitos de máscara. Muitos sem máscara...

“Só esqueci hoje, porque a gente ‘tava’ [sic] comendo ali também.

Mas chegando em casa a gente já [sic] ou se sair pra outro lugar a gente já usa”.

Muita gente sem máscara é do grupo de risco, por causa da idade.

“Eu tenho a máscara. ‘Tá’ [sic] aqui a máscara. Eu tenho aqui”.

Este feirante, faz uma triste constatação sobre o uso de máscara na feira.

“Tem muita gente que não ‘tá’ [sic] ainda muito preocupada com a doença. Metade não usa”.

As feiras livres na capital estão liberadas desde o começo de abril. Mas é claro, com uma série de medidas sanitárias, para evitar a proliferação do coronavírus.

“Eu passo álcool, todo mundo que chega aqui passa álcool. Não tem provador. Não pode provar. Aí eu falo ‘pro’ [sic] pessoal provar na casa dele [sic], e se não servir pode vir trocar”.

<sup>8</sup> *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*. YouTube, 25 mai 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m7UxRVDqxLA>. Acesso em: 20 abr. 2021.

Dona Josefa, o que a senhora está achando aqui de toda essa prevenção? A senhora se previne também?

“Sim, a gente tem que se cuidar. Quem gosta da gente, é a gente mesmo”.

Selenir e Erival, são do município de Bela Vista. Aproveitaram o passeio em Campo Grande para ir à feira. São exemplos de pessoas que se preocupam com a proliferação do coronavírus.

Eu tomo todas as providências. Uso a famosa *Qboa*, coloco na água, lavo, deixo de molho um pouquinho, tomo todos os cuidados. Eu já ando com meu ‘alquinho’ [sic] porque onde todos pegam, eu também já higienizo tudo, já ‘pego’ [sic] no parceiro e em mim, já passo também na sola do pé quando chego em casa”.

“Tomar as providências e os cuidados pra que a gente tenha uma saúde [sic], não pegando, e a gente não venha a transmitir para as pessoas também”.

O título da reportagem proposta pelo enunciador remete à situação pandêmica de COVID-19, tendo em vista que o uso da máscara, que não faz parte dos costumes dos brasileiros, tornou-se essencial para a prevenção contra a doença, sendo seu uso obrigatório instituído em decreto publicado pelas autoridades.

Com relação ao trecho inicial da matéria ou lide noticioso, alguns elementos da narrativa sintetizam os dados principais - *quem - onde - o quê* – ou seja, tem-se uma enunciação enunciada criando efeitos de verdade através dos atos de dizer projetados no enunciado, que intencionalmente servem para prender a atenção do enunciatário, como vemos abaixo:

Nós estamos na feira do Guanandi que começa às seis da manhã e vai até meio dia. Durante seis horas, milhares de pessoas passam por aqui. A gente sabe que se as pessoas não se prevenirem, o vírus da COVID-19 se espalha de baciada.

Nesse fragmento se reconhece dois percursos temáticos: o do *comércio* relacionado às atividades da feira livre e o da *conscientização* tendo em conta a problemática de saúde global, que pressupostamente é de conhecimento de todo destinatário ou telespectador que acompanha a programação televisiva. A introdução da matéria traz as marcas da enunciação enunciada (*nós/a gente*) configurando um

*ethos*, uma projeção do narrador, criando um efeito de subjetividade ao narrar em primeira pessoa. Está instaurada a espacialidade figurativizada (*feira do Guanandi*) concomitante ao momento da enunciação (*estamos* – presente do indicativo), sendo assim, possibilita um efeito de verdade, uma ilusão do *aquilagora* para atrair a atenção do narratário, reforçando os valores tematizados à realidade da pandemia e figurativizados (*vírus da COVID-19*) para construção do sentido. Seguindo nossa análise, a narrativa é investida por um ato de impessoalização do discurso:

Muitos de máscara. Muitos sem máscara.

Nesse trecho, percebe-se uma debreagem enunciativa, por meio da utilização da expressão “muitos”, representado pela não-pessoa ‘eles’. ‘Eles’ é actante do enunciado, explicitado no contexto, ou, conforme diz Fiorin (1996, p. 60), ‘eles’ é pluralização de ‘ele’: “um substituto pronominal de um grupo nominal, de que tira a referência, actante do enunciado, aquele de que eu e tu falamos”. Desse modo, há uma dessubjetivação do discurso acometendo efeitos de distanciamento para torná-lo objetivo e neutro.

*Muitos* é um pronome indefinido variável no qual se aplica “à 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 370). Nesse sentido, no que concerne à uma categoria de pessoa, *muitos* pode retratar um papel social, ou *persona*, pois “se considerarmos *pessoa* como o termo designador da individualidade e *persona* como a palavra que indica o papel social de um indivíduo, diríamos que a debreagem enunciativa instala uma pessoa no enunciado e a enunciva projeta nele uma *persona*” (FIORIN, 1996, p. 99, grifo do autor).

No contexto da narrativa, o destinador-manipulador cria um simulacro da realidade do mundo natural através de elementos

figurativos (*máscara, gente, grupo de risco, idade*) para convencer o destinatário-sujeito sobre a postura da população com relação ao uso do equipamento de proteção individual. Durante o discurso, surgem interlocuções com valor disfórico na narrativa:

Este feirante, faz uma triste constatação sobre o uso de máscara na feira.

“Tem muita gente que não ‘tá’ [sic] ainda muito preocupada com a doença. Metade não usa”.

Nesse trecho, o destinador-manipulador traz a informação do interlocutor que reforça a ideia de que o sujeito de estado, no caso, *a população da feira livre*, não está seguindo as medidas de segurança mínima, ou seja, não está fazendo o uso da máscara como medida de prevenção, conforme orientações do Decreto Municipal para a não disseminação do vírus imprimindo nesse sentido uma direção fórica negativa no discurso.

Não se pode olvidar que a reportagem jornalística televisiva possui a linguagem sincrética, utilizando-se do suporte de imagens, que faculta maior concretude à narrativa. O texto figurativizado é predominante no discurso jornalístico para reportar maior sentido de realidade, um simulacro mais ampliado do mundo natural como meio de persuasão, conforme o pensamento de Bertrand (2003, p. 155): “fazer ver também é fazer crer”. No próximo trecho analisado, observa-se que o destinador-manipulador é dotado de um saber:

As feiras livres na capital estão liberadas desde o começo de abril.

Mas é claro, com uma série de medidas sanitárias, para evitar a proliferação do coronavírus.



Observa-se que, no nível narrativo, o destinador-manipulador possui um *valor modal*: o dever como jornalista de divulgar informação precisa e verídica. Nesse sentido, ele é responsável por levar o destinatário-sujeito a crer ou a fazer algo. Nesse trecho da reportagem, admite-se uma *competência pressuposta*, pois a reportagem com as informações advém de uma emissora de credibilidade.

O destinador-manipulador possui uma *performance* que é bem própria da narrativa jornalística: a *competência* com base científica que, nesse caso, pauta-se nas orientações dos órgãos de excelência em saúde e da materialidade do Decreto Municipal instituído no período de pandemia da COVID-19. Essas orientações *sancionam* positivamente o discurso para que sua performance seja bem-sucedida e reconhecida. A narrativa recria um simulacro do mundo natural pela recorrência de figuras (*feiras livres, capital, abril, medidas sanitárias, coronavírus*).

O destinatário-sujeito possui o fazer-interpretativo pautado num contrato de veridicção influenciado por aspectos diversos, como valores, costumes etc. Para dar maior efeito de verdade à narrativa, o destinador-manipulador se utiliza, também, das falas dos interlocutores, havendo debreagens internas na narrativa; e como é da práxis jornalística, também utiliza de mecanismos que produzem um simulacro de realidade da feira livre em tempos de pandemia, com a visada de convencer o destinatário-sujeito sobre a conscientização e a prevenção.

Com referência aos interlocutores, os sujeitos de estado que expressam, de maneira *didática*, como se prevenir contra o coronavírus, competência que foi cedida ao destinador-manipulador encerrando a matéria, instaura-se na narrativa uma direção positiva de valor eufórico, um estado de conjunção com o objeto de valor, no caso a *saúde*, como se observa nesses enunciados com percurso discursivo tematizado pela *conscientização*:

Eu tomo todas as providências. Uso a famosa *Qboa*, coloco na água, lavo, deixo de molho um pouquinho, tomo todos os cuidados. Eu já ando com meu 'alquinho' [sic] porque onde todos pegam, eu também já higienizo tudo, já 'pego' [sic] no parceiro e em mim, já passo também na sola do pé quando chego em casa".

"Tomar as providências e os cuidados pra que a gente tenha uma saúde [sic], não pegando, e a gente não venha a transmitir para as pessoas também".

O discurso articula duas isotopias que se superpõem: a isotopia *econômica*, tematizada como *comércio* e figurativizada pela *Feira Livre do Guanandi* (a que se associam outras figuras como *feiras livres*, *feirante*, *baciada*) e a isotopia maior de *conscientização*, cujas figuras (*máscaras*, *Qboa*, *água*, "*alquinho*", *medidas sanitárias*) remetem a dois temas que se articulam, o tema da *saúde* e o da *prevenção*. O uso recorrente de figuras relacionadas a prevenção e a sanitização, implicam estabelecer novo sentido ao destinatário-sujeito: que a população que frequenta a feira livre do Guanandi não compreendia, naquele momento, a gravidade da COVID-19 e suas implicações.

A princípio, a superfície da reportagem, parece apontar como categoria semântica de base a oposição dos termos *saúde vs doença* (termos contrários) e seus contraditórios (*não saúde vs não doença*). Porém, o discurso traz alguns lexemas importantes (*COVID-19*, *Coronavírus*, *proliferação*), que nos possibilitam alcançar uma oposição semântica de maior abstração *vida vs morte* (contrários) e seus respectivos contraditórios (*não vida vs não morte*), tendo em vista que a doença foi descoberta e considerada uma emergência pandêmica.

Há um percurso eufórico quando há a orientação por parte dos sujeitos quanto à prevenção da doença, implicando uma certa positividade, porém não se trata de uma narrativa euforizante, e sugere uma direção fórica negativa (*saúde/ não saúde/ doença*), estando os sujeitos da narrativa disjuntos do seu objeto de valor – *saúde*.

## **Considerações finais**

Por intermédio da lente da semiótica discursiva pode-se compreender que a pandemia da COVID-19 fez profundas alterações nas práticas sociais do universo da feira livre, como constatado na análise da matéria extraída da reportagem jornalística do programa *O Povo na TV/SBTMS*, intitulada *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*.

Os conceitos do percurso gerativo de sentido foram trabalhados para apreender do texto o que ele diz e como faz para dizer o que diz (BARROS, 2005, p. 11), trazendo a lume os simulacros da realidade e os efeitos de verdade construídos pela recorrência de traços semânticos que garantiram a coerência do discurso noticioso, facultando ao destinador-manipulador mecanismos de persuasão com a visada de convencer o destinatário-sujeito, ou o telespectador, a compreender a realidade da feira livre em tempos de pandemia.

Percebe-se uma homologação entre os termos, conforme elucida Greimas e Courtés (2020, p. 248), “considerada como uma formulação do raciocínio por analogia”, ou seja, os eixos dos sistemas semióticos na matéria jornalística são advindos de uma organização discursiva nas relações entre a enunciação, os contextos sócio-históricos e as formações ideológicas que determinam os hábitos e costumes de um evento dessa proporção.

Ao dissecar do texto os níveis do percurso gerativo da significação se pode constatar a relação disjuntiva do sujeito *população da feira livre* com uma nova realidade, a problemática de saúde global, a pandemia da COVID-19 que no texto concretiza-se figurativizada pela *máscara*, o que caracteriza uma modificação nos valores por questões determinantes.

## Referências Bibliográficas

- BARROS, Diana L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005
- BARROS, Diana L. P. de. As fake news e as “anomalias”. *Verbum*, v. 9, n. 2, p. 26-41, set. 2020.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução de Ivã Carlos Lopes et al. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus, porém não há motivo para pânico*. 27 fevereiro 2020. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1042-brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus-porem-nao-ha-motivo-para-panico>. Acesso em: 07 jun. 2021.
- CAMPO GRANDE, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Saúde. Decreto n. 14.354, de 18 de junho de 2020. *Dispõe sobre a obrigatoriedade do uso de máscaras de proteção facial em espaços fechados públicos ou privados de acesso ao público em geral no âmbito do município de Campo Grande, em razão da pandemia da Covid-19, e dá outras providências*. Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/sesau/downloads/decreto-n-14-354-de-18-de-junho-de-2020-dispoe-sobre-a-obrigatoriedade-do-uso-de-mascaras-de-protecao-facial-em-espacos-fechados-publicos-ou-privados-de-acesso-ao-publico-em-geral-no-ambito-do-mu/#:~:text=Social%20%3E%20DECRETO%20n.-,14.354%2C%20DE%2018%20DE%20JUNHO%20DE%202020.,19%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7. ed. 2. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- DISCINI, Norma. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- FIORIN, José Luiz. A Noção de Texto na Semiótica. *Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 1995. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29370>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.
- FIORIN, José Luiz. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *Delta: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. 1, fev./jul. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/>

fbpe/fbtext?got=last&pid=S0102-44501999000100009&usr=fbpe&lng=pt&seq=0102-4450-005&nrm=iso&sss=1&aut=71981947. Acesso em: 24 abr. 2021.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. 4. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.

FLOCH, J. M. *Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral* [1985]. Tradução Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo: 2001.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. Trad. Haquira Oakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido II*. Ensaios semióticos. Trad. Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin/Edusp, 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. 2. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2020.

LANDOWSKI, E. *Com Greimas*. Interações Semióticas. 1. ed. São Paulo: Ed. Estação das Letras e Cores, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude, 1908. *O pensamento selvagem*. Tradução: Tânia Pellegrini. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. *Folha informativa sobre COVID-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 22 abr. 2021.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. *OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus*. 30jan, 2020 . Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>. Acesso em: 22 abr. 2021.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. *Resposta à transmissão comunitária de COVID - Orientação provisória 7 de março de 2020*. OPAS/BRA/Covid-19/20-038. Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/51983/OPASBRACOV1920038\\_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/51983/OPASBRACOV1920038_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 22 abr. 2021.

PROPP, V. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

SBTMS. *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*. Programa O POVO NA TV. Youtube, 25 maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m7UxRVDqxLA>. Acesso em: 20 abr. 2021.

WATTS, Harris. *Direção de Câmera*. Um manual de técnicas de vídeo e cinema. 1. ed. São Paulo: Ed. Summus, 1999.

WU, J. T., LEUNG, K., BUSHMAN, M. *et al.* Estimating clinical severity of COVID-19 from the transmission dynamics in Wuhan, China. *Nature Medicine*, v. 26, p. 506-510, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41591-020-0822-7>. Acesso em: 22 abr. 2021.